

REPRESENTAÇÕES  
DO  
ESCONDIDO

o real oculto e o dado evidente



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

### **GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

RUI COSTA - GOVERNADOR

### **SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

---

### **DIRETORA DA EDITUS**

Rita Virginia Alves Santos Argollo

### **Conselho Editorial:**

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

---

Ruy do Carmo Póvoas

REPRESENTAÇÕES  
DO  
ESCONDIDO  
o real oculto e o dado evidente

Comemorando  
**50** anos  
de magistério

Ilhéus-BA



Editora da UESC

2017

Copyright ©2017 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA  
Álvaro Coelho

FOTOGRAFIA DA CAPA  
Lília Carla Santana

FOTOGRAFIA DA ORELHA DA CAPA  
Selma Aguiar

REVISÃO  
Maria Luíza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

P739 Póvoas, Ruy do Carmo  
Representações do escondido: o real oculto e o dado  
evidente: comemorando 50 anos de magistério / Ruy do  
Carmo Póvoas. – Ilhéus, BA: Editus, 2017.  
583 p.; il.

ISBN: 978-85-7455-449-5

1. Representações sociais. 2. Interação social. 3.  
Estrutura social – Aspectos simbólicos. 4. Professores  
– Formação. 5. Cultura. I. Título.

CDD 302

---

**EDITUS - EDITORA DA UESC**  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)  
[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

EDITORA FILIADA À

  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias



Retirado do *site*  
<<https://goo.gl/images/KqxdN5>>

## O LABIRINTO PRETO E BRANCO

Vol. I: **Da porteira para fora:** mundo de preto em terra de branco. 2007.  
Vol. II: **Representações do escondido:** o real oculto e o dado evidente. 2017.

Símbolo de um sistema de defesa,  
o labirinto anuncia  
a presença de alguma coisa preciosa ou sagrada.  
Pode ter uma função militar,  
como a defesa de um território,  
uma vila, uma cidade, um túmulo, um tesouro:  
só permite o acesso àqueles que conhecem os planos, aos iniciados.  
Tem uma função religiosa de defesa contra os assaltos do mal:  
este não é apenas o demônio,  
mas também o intruso, aquele que está prestes a violar os segredos,  
o sagrado, a intimidade das relações com o divino.  
O centro que o labirinto protege  
será reservado ao iniciado, àquele que, através das provas da iniciação  
(os desvios do labirinto),  
se terá mostrado digno de chegar à revelação misteriosa.  
Uma vez atingido o centro,  
o iniciado está como que consagrado,  
introduzido nos mistérios,  
fica ligado pelo segredo.

(Jean Chevalier)



À memória de  
Mãe Amada,  
que me ajudou a entrar na existência.

Elisabete,  
cujo sobrenome eu nunca soube,  
que me conduziu pelas ruas de Ilhéus,  
para que eu conhecesse minha cidade.

Otávio do Vale Póvoas,  
João Agnaldo Moreira e  
Paulo Roberto de Souza,  
meus irmãos de alma,  
que me deram a mão,  
cada um a seu modo,  
quando o corrimão da vida me faltou.





## AGRADECIMENTOS

**E**mbora escrever, quase sempre, tenha sido, para mim, um ato solitário, minha escrita não passa de uma representação construída através de muitas tarefas realizadas, das quais várias pessoas participaram, seja como colaboradoras, incentivadoras, ouvidos emprestados, revisoras ou tarefeiras. Sem tal apoio, dificilmente eu escreveria. Também fico devedor eternamente às pessoas que me rodeiam, ou vivem próximas de mim, ou às companhias mudas, muitas vezes mais eficazes do que as bem falantes. Isso vai desde Luciano Assunção, o socorrista que foi chamado para “dar um jeito” no computador encrocado, até Dona Maria Raimunda, a cozinheira que não deixava de me chamar no horário das refeições. Também houve aqueles que não deixaram de insistir: “Por que não vai se deitar?” Ou ainda: “Criatura, deixa esse computador por um instante.” Também houve os que se ausentaram para não me incomodar, muitas vezes sentindo pesadamente tal afastamento. Dentista, médico, colegas, parentes, aderentes, porteiros do edifício. E especialmente, meus filhos e filhas de santo, meus ogãs, minhas ekédis. Mais do que extremos foram o apoio, a ajuda e a dedicação que recebi de Fadori, que é meu filho, meu pai, meu irmão, e meu amigo. Mesmo limitado pelo parkinsonismo, ele sempre se faz gigante nas horas de minhas necessidades cotidianas. Devo muito a essa plêiade de pessoas tão generosas. Sem elas, eu nada escreveria.

Sei que corro o risco das omissões. Que fazer, quando a terceira idade já queimou vários neurônios? Não posso, no entanto, deixar de agradecer

Aos que se prestaram a discutir comigo os vários temas que eu abordava, os referenciais teóricos nos quais eu queria me estribar: Dinalva Melo do Nascimento, Raimunda d'Alencar, Marcos Salviano, Marialda Silveira.

Aos que, entre muitos, me solicitaram apresentação de seus livros: Graccho Maia, Cláudia Martins, Maria Delile Miranda de Oliveira, Margarida Fabel, Moisés Netto Simões, Dinalva Melo do Nascimento.

Aos que me entrevistaram: estudantes, professores, pesquisadores e, mormente André Rosa e Nei Rodrigues, a ABEU, jornalistas e repórteres do Jornal ABXZ, do Jornal Agora, do Jornal da UESC, do Jornal Tàkàdá, da TVI, da TV Santa Cruz.

Aos que me convidaram para sucessivos eventos, a exemplo de integrantes do Museu do Homem do Nordeste/Fundação Joaquim Nabuco (PE), nas pessoas de Ciema, Vânia, Silvana e Rita. Também da Fundação Pedro Calmon (BA), quando dirigida por Ubiratan Castro de Araújo, de saudosa memória. Ainda, a Danielle Pitta, na direção do Ilê Seti do Imaginário (PE). A Marise Santana, na coordenação do ODEERE (Jequié). A Anarleide Menezes, na Rede de Museus e Pontos de Memória do Sul da Bahia (Ilhéus). A Catarina Santana, coordenadora do III Simpósio Bachelard (UFBA). A Terezinha Fróes, diretora da FAPESB (BA). A Maria Luiza Heine, diretora da Fundação Cultural de Ilhéus. Ao professor Flávio Gonçalves dos Santos, quando de sua Coordenadanação de Políticas de Educação Superior do Estado da Bahia. A Juana Elbein dos Santos, presidente da SECNEB (Salvador). Aos coordenadores do I Simpósio Internacional de Ciências das Religiões, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – UFPB-CCHLA, em João Pessoa, de 16 a 18 de julho de 2007. Aos dirigentes de vários setores e secretarias do MINc (DF), no Governo Lula. Aos coordenadores e organizadores do I e do II Congresso Nacional Diversidade, Ética e Direitos Humanos, da UESB/Itapetinga, nos anos de 2010 e 2011, respectivamente.

A Reheniglei Rehen, que tanto tem prestigiado minha produção e que, além de fazer seminários em minha homenagem, faz de várias obras que escrevi objeto de estudo nos seus ensinos, na UESC.

A Tica, minha amiguirmã, que sempre torceu pelo sucesso de minhas publicações.

Aos ilustres acadêmicos, colegas da Academia de Letras de Ilhéus e da Academia de Letras de Itabuna, pela efetiva consideração e apreço à minha produção escrita e a meus pronunciamentos.



A Cyro de Mattos, pelas discussões sobre temas da Literatura, e também pelo interesse em publicar várias produções minhas.

A Suzie Paternostro, Eurisa Santana e Rosinei Barros, pelos sucessivos convites para participar de atos ecumênicos na UESC.

A Samuel Mattos e a Lúcia Regina Neto, ex-diretores do Departamento de Letras e Artes da UESC, que tanto zelaram pelos trâmites burocráticos de minha vida profissional naquele Departamento, e fizeram com que eu fosse alvo da distinção de *Professor Emérito*.

A Prefeitura de Itabuna, que me outorgou a Comenda Firmino Alves, por serviços prestados a Itabuna, enquanto professor, educador e escritor.

A Faculdade de Ciência e Tecnologia que, através de Raildes Pereira Santos, me distinguiu com o troféu *Mérito Educacional FTC*, em 2011.

A professor Paim, que faz questão de minhas intervenções presenciais no ensino de sua disciplina, na UNIME.

Aos colegas de caminhada da Equipe Kàwé: Marialda Silveira, Consuelo Oliveira, Elis Fiamengue, Valéria Amin, José Luiz da França Filho, Jeanes Larchert.

Aos diversos dirigentes do Centro Acadêmico Ruy Póvoas.

À equipe da Editus, a do passado e a atual, pelo interesse em publicar meus escritos, devotando à minha pessoa verdadeira consideração.

A Álvaro Alencar pelo projeto gráfico, simplesmente admirável.

A Ingrid Barbosa Gonçalves, a Baísa Nora e a Luciano Okê-barô Assunção. Ingrid, além dos três anos coordenando minha biblioteca, humanizando as gavetas e os arquivos de meu escritório, ainda me serviu de interlocutora nas várias situações em que precisei da opinião de uma leitora privilegiada. A ela, eu devo a leitura e a discussão prévias dos originais deste volume, ao decorrer da lavratura. A Baísa, pela cansativa tarefa de revisão, crítica e sugestões, a partir dos manuscritos. E a Luciano, pelas vezes sem conta em que me socorreu, quando as mídias falharam, os arquivos sumiram do computador e a máquina entendeu de parar. A Genebaldo Ribeiro, pela revisão das normas ABNT nos meus manuscritos.

Aos ancestrais, que me fizeram herdeiro de sua resistência.

E finalmente, ao meu *Eledá*, que fez realidade tudo aquilo que sonhei e me deu muito mais do que pedi.

Pelo tanto que sou devedor, também sou empenhado no reconhecimento e na gratidão.



Na verdade, o que é a crença na realidade,  
o que é a ideia de realidade, qual é a  
função da metafísica primordial do real?  
É essencialmente a convicção de que uma  
entidade ultrapassa seu lado imediato, ou,  
para falar mais claramente, é a convicção de  
que se encontrará mais no real oculto do que  
no dado evidente.

Gaston Bachelard





## SUMÁRIO

19	<i>REPRESENTAÇÕES DO ESCONDIDO</i>
25	AFRICANIDADES: do evidente para o oculto
31	A trajetória institucional da UESC e sua inserção na região
49	Ouvir as queixas e ensinar remédio
55	O poder das plantas – cura, tratamento e alimento
61	Do Engenho de Santana ao Ilê Axé Ijexá: trajeto de um terreiro
73	Cultura e identificação
93	Luz e sombra no caldeirão
97	Os dois mundos de Pierre Verger
107	Ilê Axé Ijexá Ogum Xorokê Lajá: a fala da memória no dia da inauguração
111	Jogo de búzios: uma via de acesso à fala do orixá
131	O mito de Ossáin e a socialização do conhecimento
141	Lugar de revivências
151	Viver e morrer entre humanos e orixás: a finitude em terreiros de candomblé
167	Diversidade, ética e direitos humanos: um olhar afrodescendente
177	Identidade nagô: sobrevivência de um povo no Brasil

185	Panorama da pesquisa interdisciplinar: desafios para o fomento
191	A etnografia vista pelo etnografado
207	O feminino e a resistência no candomblé
219	Carta ao Bando de Teatro Olodum
223	Diversidade, ética e direitos humanos: um olhar do terreiro
235	Processos formativos basilares dos saberes e práticas negras
241	Imaginário e a dinâmica do segredo em terreiros de candomblé: uma prática recolhida no Brasil profundo
259	Encontro com o escritor: literatura e vivência afro-brasileira
265	O mundo do candomblé: o real oculto e o dado evidente
275	O papel e a importância da sociedade civil na gestão das águas
281	Códigos da pele: literatura oral nos terreiros, consciência e resistência
287	Combate ao racismo e à intolerância religiosa no sul da Bahia
293	Fazer setenta anos: agradecimento pelo colóquio
297	Museus, memória e cultura afro-brasileira
307	DIZERES DO OUTRO: descobrindo o que outros disseram
311	A memória e a lembrança
315	Sendas e trilhas
317	A busca de si mesma
321	A parca fiandeira
323	Também peço licença para soletrar
327	O sol do novo tempo
331	O filme, o rosário, o palco
337	O tempo de Delile em verso e prosa

341	ECUMENISMO: diferentes representações, leituras idênticas
347	Água, fonte de vida
351	Felizes os que promovem a paz
355	A importância de resgatarmos a capacidade de amar continuamente
359	Construindo referências: tolerância ou respeito?
363	CRÔNICA: o escondido no cotidiano
367	Vitória sobre as neves
371	De Saturno para Itabuna
375	Violência nossa de cada dia
377	Visões da ponte
381	Um painel além do tempo: o escondido por trás do cacau
385	EDUCAÇÃO, ÉTICA E DIVERSIDADE: polarizações no jogo do esconde-esconde
391	O ensino de Língua Portuguesa e a ideologia da escola
403	Construção da igualdade: principal meta do educador
407	Formação e informação do estudante de Letras
411	O ensino de Língua Portuguesa
415	Ética e mundialização das diversidades
417	A Escola e a História: questões étnicas e éticas
421	Despedida de Enilda
425	Educação superior, éticas e etnias: subsídios à elaboração do projeto institucional da UESC
431	Educação, relações étnicas e ancestralidade
441	Educação no terreiro X Educação na escola
445	Trajectoria político-institucional do Curso de Letras da UESC
451	Aqui, seu apito tem som

457	ENTREVISTA: de onde estou falando
459	As gerações não terminam como uma frase
465	O Curso de Letras da UESC: a instituição, o curso, os alunos, os professores
479	O samba como expressão da afro-brasilidade
485	Entrevista da ABEU: uma reflexão
489	LITERATURA E LINGUAGEM: o silêncio guardado nas Letras
493	A temática do conto como revelação do Homem
501	Padrões sintáticos na Carta de Caminha
509	O papel da escrita e da leitura na sociedade informatizada
515	A era do cacau e a literatura grapiúna
523	Produção ficcional e diversidade cultural
527	Saudação a Carlos Eduardo Lima Passos da Silva
535	A Academia e seu entorno: um toque de envolvimento
545	Dialogismo e polifonia na literatura sul-baiana
549	A religiosidade africana na obra de Jorge Amado
555	O canto contido
559	A literatura baiana apresentada por seus/suas escritores(as) e críticos
565	Zonga: a imagem arquetípica do feminino angolano nas terras cacaueiras
571	A ultrapassagem do imaginário das práticas religiosas sincréticas brasileiras
579	<i>O REAL OCULTO E O DADO EVIDENTE</i>